

## Da arquitetura conceitual\*

Collin Rowe\*\*

O texto interroga a existência da arquitetura conceitual refletindo sobre a relação de mão dupla gerada por pares de termos e conceitos: processo e produto, material e imaterial, norma e desvio, instituição e revolução, tradição e traição, ordem e espontaneidade, conceito e processo, estímulo intelectual e físico, presença e ausência.

Conceitualismo, Arquitetura moderna, Le Corbusier

Minha primeira reação foi a seguinte: mas toda a arquitetura é conceitual... E essa deve ser a reação brutal que muitas pessoas devem ter. Então minha segunda reação foi: não; não deve ser bem dessa maneira; isso deve ter alguma coisa a ver com Marcel Duchamp. Certamente.

Então descobri que se esperava um pronunciamento meu mais prolongado e que essa informação foi recebida um pouco tarde demais, porque eu gostaria de ter reunido um conjunto de imagens, o que não foi possível.

De qualquer maneira, aos temas relevantes, acrescento que: há *processo*, preferivelmente ao *produto*; e, é claro, há a *desmaterialização do objeto* – algo que acho imensamente difícil. Veja só, até onde pude me informar, essa desmaterialização vem acontecendo já há um bom tempo, tanto que se pode imaginar que o objeto poderia já ter desaparecido há algum tempo. Por outro lado, o assunto é extraordinariamente persistente.<sup>1</sup> Então, ainda incluí, indubitavelmente, algo chamado *a presença da ausência*; e, naturalmente, pode-se justificar essa presença da ausência com várias formas de argumento, do zenbudismo às tradições místicas do cristianismo e, provavelmente, a Elena Petrovna Blavatsky.

Alguns minutos atrás eu estava falando, lá em cima, com Cedric Price, a respeito da *presença da ausência*, indagando se essa coisa conceitual (apesar de mística – e eu não tenho objeção a isso) é algo que se possa especificar e mandar a especificação por telegrama; se é sobre a existência de prédios sendo desmaterializados e sem presença corporal – quer tal coisa possa ou não existir. Mas eu também sei que isso *pode*. Não se pode tocar, não se pode cheirar nem medir isso, mas, novamente, neste ponto estamos falando obviamente a respeito de alguma forma de essência mística.

Tradução Jason Campelo

Revisão técnica Roberto Gonduru

\* Uma pequena conversa quase completamente *ad hoc* por ocasião da conferência da Art Net sobre Arquitetura Conceitual, Londres, nos dias 17 e 18 de janeiro de 1975. Primeiramente publicada em *Art Net* (1975).

\*\* Colin Rowe (1920-1999) é arquiteto, crítico de arquitetura e professor. Seu livro *Collage City* (com Fred Koeter) propôs uma nova maneira de analisar a forma urbana, enquanto resultado fragmentado e incompleto de toda tentativa feita para organizá-la logicamente.

<sup>1</sup> A palavra inglesa "object" tanto se refere a *objeto* quanto a *assunto*. Até aqui tínhamos em conta a primeira acepção. Porém, parece-nos que neste momento há uma mudança, significativa e intencional por parte do autor, para o segundo sentido. (NT)

Então, ao falar com Cédric, fiquei estimulado com a possibilidade da cozinha conceitual. Daí imagina-se a situação na qual se convidam pessoas para um jantar conceitual, e todo mundo chega equipado com seu livro de receitas, que essas pessoas começam a contemplar, sendo a natureza da especificação o equivalente à refeição em si. De novo, eu considero *isso* um bem de valor. Por exemplo, eu preferia sem dúvida sentar-me com um bom livro de receitas a entrar no estabelecimento logo ao lado e comer uma daquelas salsichas inglesas deploráveis, consumir aquela cerveja abominável. Um aparte frívolo? Mas claro que sim.

Já que devemos ter essa conversa, decidi então que deveria lançar alguns temas para discussão. As coisas estão muito antiquadas e “carolas”. Penso que são temas de alguma maneira relevantes – apesar de sua relevância ser um pouquinho dúbia, e as conexões da relevância serem um pouquinho tênues – não é?

De qualquer maneira, minha primeira citação é (e isso vai agradar o pessoal de semântica e de semiótica): “No princípio havia a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus”. (Eu acho que isso vai cativar os doidos chomskianos.) E isto é seguido pela seguinte declaração: “A Palavra fez-se carne e habitou entre nós”. Certo, considero que isso possa ser traduzido como “No princípio havia a Idéia e o Conceito, e o Conceito fez-se palpável”, foi guarnecido de comprimento, largura, altura, textura e, se quiser, cheiro e substância. Ou seja, o que quer que seja isso com que se está lidando, fez-se corpo de uma maneira ou de outra. E não vejo muito o que se argumentar aqui. Estou perfeitamente disposto a conceder que no começo possa ter havido a Palavra. Por que não?

Mas a questão da “Palavra fez-se Carne” suscita interrogações, acho.

Pode-se perguntar: a Palavra pode fazer-se carne? Ou não teria sido isso uma fantasia cristã? A Palavra deve fazer-se carne? Essa incorporação da Palavra ocorre para fazê-la inteligível? Ou simplesmente para adulterar a Palavra?

Responderei a todas essas questões (por minha conta) afirmativamente. A Palavra pode, suponho, fazer-se carne – até um ponto –, e essa incorporação ajuda a tornar a Palavra inteligível. Porém, tornar a Palavra carne também é adulterar a palavra.

Então, isso tudo entra em diálogo com outro texto, e este próximo texto é igualmente “carola”; agora é a Epístola de São Paulo aos Romanos: “Sobreveio a lei para que abundasse o pecado”.<sup>2</sup>

Esse é um dos acontecimentos mais cativantes da Bíblia e, obviamente, uma declaração muito, muito mais difícil para se trabalhar. Será que isso significaria que o normativo poderia ser algo usado como superfície ou suporte para a exibição do desviante? Acho que quer dizer

2 Romanos 5, 20. *Bíblia Sagrada*. Trad. Centro Bíblico Católico. 24ª edição, São Paulo: Editora “Ave Maria” Ltda., 1977, p. 1.454. Nossa recorrência à citação exata da Bíblia pode trazer algumas controvérsias. O autor cita, em inglês, o seguinte trecho bíblico: “*The law came in that the offense might abound*”. Enquanto a citação inglesa considera a palavra “*offense*”, a versão em português à qual fazemos referência traduz do grego como “pecado”, e essas duas palavras podem conduzir a caminhos interpretativos distintos. Pecado em português seria, segundo o Aurélio (Ferreira, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 1.289) “1. Transgressão de preceito religioso. 2. Falta, erro; culpa, vício: *os pecados da juventude*. 3. Maldade, crueldade: *É um pecado exigir tanto de uma criança*”, ou seja, a palavra “pecado” encontra-se impregnada de uma certa carga de significação religiosa (talvez de viés católico), diferentemente do significado dessa palavra em inglês. Nessa língua, a palavra “*offense*” também significa pecado, mas esta é só uma das significações possíveis. Segundo Serpa (Serpa, Oswaldo. *Dicionário Inglês-Português/Português-Inglês*. 8ª edição, 2ª tiragem. Rio de Janeiro: MEC/Fename, 1977, p. 472), a palavra “*offense*” significa “s. ofensa, culpa, falta, pecado; ataque; crime, transgressão, delito; dano; prejuízo; agressão; injúria, agravo, afronta, acometimento; ultraje = (EU.) *Offense*. # *give offence*, ofender. *Take offence*, ofender-se”. ou seja, o primeiro significado para “*offense*” não traria traços imediatos de religiosidade. Sendo assim, fica feita a ressalva: é de nossa inteira responsabilidade a citação destacada da Bíblia conforme está, já que a citação originalmente colocada pelo autor nem sequer faz menção exata às fontes – visto o caráter informal do texto. Deixamos bem claras as diferenças, mantendo em mente a sugestão de que a palavra “pecado” poderia não ser utilizada na acepção mais religiosa expressa na citação correspondente em português, e sim no sentido mais lato de ‘transgressão’ ou ‘ofensa’.

concininitas

isso, entre outras coisas. Isso significaria que o típico é útil enquanto valida as exceções? Também acho que sim. Também acho que isso significa que o Fundo – se estivermos nos referindo às questões da Gestalt – o Fundo estimula a apreensão íntima da Figura. Acho ainda que – se usarmos a linguagem de Lévi-Strauss – isso seria o que ele chamaria de “balanço precário entre Estrutura e Evento”.

E também há esta pequena frase de Serlio: “através do erro pretendo fazer o oposto aos preceitos de Vitruvius”. Isso também indica, de algum modo, o comércio em mão dupla que deve existir (e sempre existe) entre essas coisas corolárias, as quais se podem distinguir no jargão atual como sendo a Instituição e o Revolucionário – como atividades interdependentes, é claro.

Certo, eis o segundo dos meus textos: “Sobreveio a lei para que abundasse o pecado”, e creio ser muito importante para o tema que discutimos – poderia ser discutido por horas, imagine tipos discutindo o Talmude ou escolásticos medievais seguindo nisso por várias horas ou mesmo anos.

Certo. Minha próxima menção diz respeito àquela ocasião famosa, na década de 1860, quando o deão de Windsor disse a Disraeli que não acreditava em dogma. E, é claro, temos a resposta de Disraeli: “Bem, realmente, senhor deão, temo que um não ao dogma seja um não ao deão, senhor deão”. Bom, suponho que isso seja uma crítica (por parte de Disraeli) a certos aspectos do liberalismo. Uma crítica – de um ponto de vista judeu – ao empirismo inglês (e também a tudo mais). Isso é uma crítica ao positivismo francês. Também é uma crítica ao utilitarismo inglês, às muitas pretensões das ciências sociais. É uma crítica, anterior ao evento, à arquitetura moderna e à doutrina de Walter Gropius, além de à mentalidade característica do planejador. Vejo nessa declaração uma crítica a todas essas coisas. Infere-se dela que não há uma observação neutra, como tal, ou seja, toda observação é orientada por uma cultura (como sabemos); não podemos nunca esperar uma visão objetiva das coisas – o melhor a que se pode aspirar está em discussões entre estilos diferentes de subjetividade.

Tendo deixado essa citação, quero ocupar-me com a questão da tradição. Muitas pessoas ontem usaram a palavra tradição, e de vez em quando ouve-se a respeito de tais e tais tradições da arquitetura moderna.

Se consultar o *Shorter Oxford Dictionary*, ver-se-á que um dos primeiros significados conferidos à palavra tradição – fora a vertente da acepção de “legado” – é o de “ceder, render-se, ou traição”. O verbete segue com a declaração de que “uma tradição é também,

especificamente, uma traição aos livros sagrados em tempos de perseguição”.

Em outras palavras, pode-se ‘cometer’<sup>3</sup> uma tradição – algo que me entretém como possibilidade. Não alego conhecer economia e seus congêneres, mas certas noções de comércio dizem respeito à palavra ‘tradição’.<sup>4</sup> Como a ‘traição’,<sup>5</sup> e ‘tratados’, deslealdade de princípios e feitura de acordos. Além de habilidades diplomáticas de baixo nível e, também, tradução. Pode-se observar isso mais claramente no francês, quando um *traité* significa um acordo e um *traître* um traidor. A implicação certamente é a de que alguém que faz um tratado é um traidor. Ele está traindo princípios em prol da sobrevivência. Mas, nesse sentido, creio que se deve olhar Judas como *homme idéal* dos tradicionalistas. Ele executou um ato de traição necessário para que a religião cristã fosse institucionalizada. Essa é uma deserção proveitosa para a Instituição – proveitosa para o Princípio Revolucionário. Certamente, o que Judas faz é salvar a humanidade dos desertos do espírito – que o Cristianismo inclementemente condena –, dispor sua salvação, guiá-la ainda mais uma vez rumo aos portos quentes e suaves da carne.

Certo. Então esses são argumentos diferentes, que certamente alguém vai agarrar.

Então temos a idéia de “No princípio havia a Palavra e a palavra fez-se Carne e habitou entre nós”, logo depois a engraçada questão de sobrevir “a Lei para que abundasse o pecado”. E, agora, essa da ‘tradição’ enquanto traição e deslealdade. Mas, talvez todo dia, nesse contexto, a arte *deva* trair princípios. E talvez se deva todo dia *reviver* esses princípios – algo que se deve matar para manter verdadeiramente vivo.

Então, esta manhã ocorreu-me que, neste ponto, eu deveria interpor outra citação: do doutor Johnson, em sua revista *The Rambler*, de 25 de janeiro de 1752:

Espírito, bem sabem, é a copulação inesperada de idéias. A descoberta de alguma relação oculta entre imagens de remota aparência. Portanto, uma efusão de espírito pressupõe uma acumulação de Conhecimento; uma memória armazenada junto com noções que a imaginação pode selecionar para compor novas *assemblages*. Qualquer que seja o vigor nato da mente, ela nunca poderá formar inúmeras combinações a partir de novas idéias, da mesma maneira que inúmeras variações nunca podem ressoar a partir de uns poucos sinos. De fato o acaso pode produzir, algumas vezes, um feliz paralelo ou um contraste impressionante, mas esses dons da fortuna não são freqüentes, e aquele que nada possui de próprio e, ainda assim, se condena a experiências desnecessárias, deve viver de rendas ou do roubo.

3 Lembremos que verbo inglês “to commit” também significa ‘se comprometer’, além das outras significações comuns que o próprio verbo “cometer” (que usamos nessa tradução) compreende tanto em português quanto em inglês. Tal distinção é importante em face do que será colocado no prosseguimento do raciocínio, em que o autor parece, deliberadamente, utilizar a palavra em um espectro maior de possibilidades significativas, incluindo aí a possibilidade de um ‘compromisso’. (NT)

4 Apesar de um pouco obscura na tradução para o português, a relação entre as palavras “tradição” e “comércio” estabelecida pelo autor fica mais evidente em inglês, entre as palavras “trade” (comércio) e “tradition” (tradição). (NT)

5 “Tradição” e “traição”, em português, possuem antepassado comum: a palavra *traditione*. Conforme registra Antenor Nascentes (Nascentes, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966, p. 741), tradição e traição vêm “Do lat. *Traditione* “entrega”, por via semi-erudita”. Na mesma medida, a ‘traição’ também seria um ato de entrega, pois “o traidor *entrega* a pessoa ao inimigo dela”. (NT)

Vemos aqui temas subseqüentes que, eu acho, são relevantes à posição atual. Incluem-se aí as idéias de 'espírito', de 'colagem', de 'ready-made', de todo esse tipo de coisas, as quais estão implicadas nesta declaração.

Então pensei em rememorar algo brevemente, o que é sempre um feito deplorável. Enquanto alguém falava ontem, eu me lembrei de uma ocasião no Texas, há um bom tempo já, durante o ápice da era Eisenhower, em que a universidade promovia algo que se chamava 'Semana da Ênfase Religiosa' (Não importava muito qual religião se enfatizasse, afinal de contas somos uma sociedade pluralista e liberal, e simplesmente queremos que as pessoas se comovam e se sintam religiosas. Não estamos realmente interessados na substância ou na estrutura de suas crenças). Pois é, estávamos nesta Semana da Ênfase Religiosa, e ela se inseria naquele período em que havia aqueles *slogans* terríveis do tipo "Um mundo em oração é um mundo em paz", o que é absurdo. Além dessa, aquela declaração, ainda mais deplorável, de que "a família que reza unida permanece unida" — esta última, por sinal, durante o ápice do período Manson, há pouco tempo, modificou-se para "a família que assassina unida permanece unida".<sup>6</sup>

Certo, então estamos em uma terra de assuntos heterogêneos. E cedo ou tarde todos nós entraremos nessa terra se as tendências atuais de pluralismo continuarem. Mas então, eu estava andando por uma rua do Texas com John Hejduk, quando surpreendentemente ele me disse: "De-e-eus do céu, não é realmente fascinante que haja um Papa em Roma?!" Eu não sou um entusiasta do Papa, mas há certas circunstâncias, certas situações em que alguém se encontra, em que ele se torna uma entidade de dedução bem útil. Pode-se apagar 'o Papa', é a coisa mais fácil do mundo (e o protestantismo, para começo de conversa, é exatamente isso); ou substituir, se quiser, a Corte Suprema dos Estados Unidos. Pode-se ainda apagar 'o Papa' e propor que todos nós vagueemos por aí, à moda Superstudio,<sup>7</sup> preferivelmente nus seguindo as coordenadas cartesianas da liberdade, eis aí outra coisa que se pode fazer. Mas, novamente, tudo isso a que viemos nos referindo seria certamente uma versão de "Sobreveio a lei para que abundasse o pecado". Estamos falando a respeito de uma garantia de ordem que deve haver caso a espontaneidade também exista. Estamos novamente falando a respeito do infinito comércio em mão dupla entre atitudes institucionais e princípios revolucionários. E não se pode se entender bem com ambos.

Também me lembrei, esta manhã, de outro episódio. Não darei o nome da pessoa envolvida, mas aconteceu há algum tempo em Cambridge

6 Refere-se ao assassinato, ocorrido em 9 de agosto de 1969, da atriz Sharon Tate, casada com o diretor Roman Polanski, e do filho do casal, Paul Richard Polanski. Eles (entre outros) foram assassinados por um grupo de oito pessoas, lideradas por Charles Manson. (NT)

7 Superstudio foi uma firma de arquitetura fundada em 1966, na Itália, por Adolfo Nataline e Cristiano Toraldo di Francia. Seus projetos iam da ficção à ilustração de *storyboards* e fotomontagem. (NT)

(Inglaterra). Alguém me ligou – alguém que gagueja muito – e disse “C-C-Colin, v-você acha que poderíamos combinar um j-jantar?” Eu disse “Sim, por que não? Que tal hoje à noite?” “Bem, eu acho que vou estar no c-centro, jantando no Reform Club”. Passamos então por toda uma lista de datas possíveis, e a primeira viável para se marcar o jantar seria dali a três semanas. Então, ao fim da conversa essa pessoa me falou, “sabe, o que eu queria r-r-realmente conversar era sobre e-e-e-espontaneidade”. Esse caso é um pouco cruel, mas eu também não mencionei nenhum nome. De qualquer maneira, às vezes sinto que, se se está na presença de um *falar* dilatado a respeito da espontaneidade, isso significa que a espontaneidade certamente nunca irá acontecer.

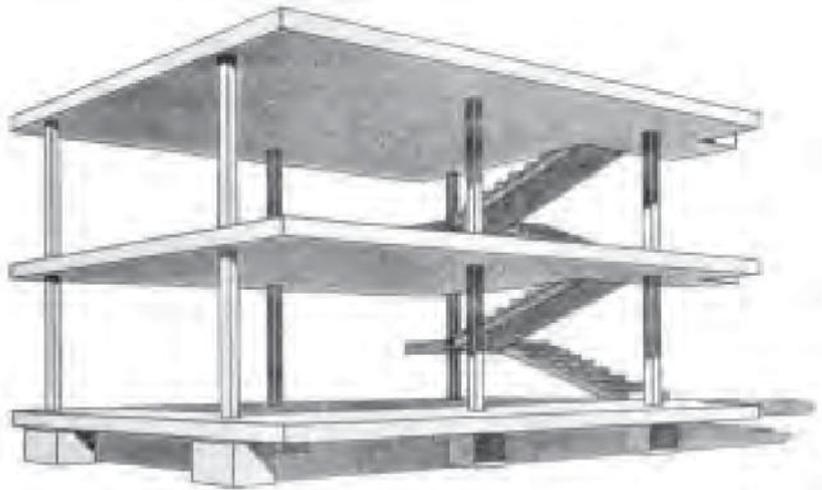
E também temos este verso de Shelley: “Raramente, raramente vens, Espírito do deleite”; obviamente quer-se que ele venha freqüentemente, que as coisas cheguem espontaneamente, mas isso é mais fácil de se falar do que de fazer.

E se devo falar mais propriamente, gostaria de ter deixado, como primeira imagem, aquela figura do livro de memórias de Albert Speer, durante o primeiro Comício de Nuremberg,<sup>8</sup> em que o palco do acontecimento era engrandecido pela montagem de holofotes, que ficavam inclinados. E aos quais Sir Neville Henderson se referiu como uma “catedral de gelo”. Speer ficou particularmente tocado pela estrutura dos holofotes, por meio dos quais se podia imaginar um movimento um tanto wagneriano das nuvens que passavam tanto pela frente quanto por trás dos focos de luz. E, de novo, pode-se ver isso como sendo Estrutura e Evento, tomando, assim, as nuvens como ‘Evento’. Mas eu suponho que aquele palco para o Comício de Nuremberg seria a ilustração perfeita de uma arquitetura desmaterializada. Você pressiona um botão, e ela está lá, pressiona novamente, e ela vai embora. Também é uma arquitetura que poderia ser especificada em um telegrama. Acho que é um tipo de imagem realmente eloqüente.

Mais uma vez, acredito que Marcel Duchamp se impõe nesse cenário e se poderia levá-lo a um paralelo com, digamos, Fernand Léger. Eu aprecio Duchamp infinitamente mais, pois ele me parece ser lúcido, esclarecedor, interessante, frágil, poético, lírico e tudo o mais. Ao passo que se poderia dizer, certamente em comparação, que Léger é pomposo, opaco, pesado, e, depois de algum tempo, cansativo. Por outro lado, suspeito que Léger esteja mantendo a Instituição – contra a qual, em algum grau, o tipo duchampiano de personalidade possivelmente seria capaz de agir.

Então eu considero ainda que se deve introduzir a Maison Domino como exemplo de uma controvérsia. Deve-se também ter em mente que

8 Os Comícios de Nuremberg eram as reuniões promovidas anualmente pelo Partido Nazista. Tal iniciativa tinha como objetivo simbolizar a união entre o povo alemão e o Partido Nazista. Esse objetivo foi plenamente realizado pelo crescente número de participantes, que chegou a meio milhão de pessoas, provenientes de todas as seções do partido, da população, do Estado e das forças armadas. Era costume, nesses comícios, em grande desfile militar, a demonstração do poder bélico do Terceiro Reich. Além disso, a partir de 1935, inclui-se nela a apresentação da abertura da obra “The Meistersingers”, de Richard Wagner. (NT)



Le Corbusier. *Maison Dom-ino*, 1914 (projeto)

ela nunca foi construída. Em outras palavras, a Maison Dom-ino é uma forma de necessidade conceitual, um dispositivo heurístico. Mas então isso deve ser modificado por causa das exigências da percepção, e acaba sendo modificado na mais extraordinária variedade de maneiras.

Agora, suponho que deva haver um comércio de mão dupla entre Conceito e Processo, ou seja, entre estímulo intelectual e físico. E fico um pouco perplexo – apesar de esperar ser instruído – pelo fato de que uma pessoa deva reagir a alguma coisa que simplesmente não está ali (exceto em algum momento zen dessa pessoa). As especificações dessa coisa estão ali, nada mais. Ali está, novamente, a presença da ausência. E, para que a ausência seja sentida como presença, deve haver muita presença em muitos outros lugares, pois, como vocês sabem, “nenhum buraco é visível se não houver um sólido em que se faça o buraco.”

### Resposta a uma pergunta da platéia

Existe essa coisa na arquitetura moderna chamada ‘fixação no objeto’. Talvez nunca tenhamos visto tantas pessoas preocupadas em fazer objetos significantes quanto no século XX. Ao mesmo tempo, essas pessoas sentem uma culpa enorme em fazê-los e querem que esses objetos sumam. Uma completa ambivalência em reação ao ‘objeto’. Isso é evidente numa pequena citação de Corbu:<sup>9</sup> na qual ele disse: “Grandes blocos de habitações traspassam a cidade, que diferença faz se estão atrás das árvores? A natureza entrou no arrendamento”. Isto é, simultaneamente, uma afirmação do objeto e uma inibição a respeito desse objeto. E também penso que isso tem muito a ver com arquitetura conceitual.

9 Le Corbusier. (NT)